

NO SILÊNCIO, HÁ ÁGUA - NOTAS

No texto a seguir, trechos ainda em construção de uma reflexão sobre a água e o silêncio como materialidade e poética; estrutura e superestrutura articuladas na produção artística de Charlene Bicalho. Notas compostas a partir de conversas com a artista, material de arquivo pessoal e público (além de muito café, mate e vinho). Quem ler, encontrará anotações sobre trabalhos elaborados entre 2017 e 2020. Úteis, creio, a quem almeje ondejar por processos de investigação artísticos nos quais se cruzam reflexões, interven(ções), crítica institucional e tentativas de insurgência contra os dispositivos de (re)criação de violências coloniais. Processos formadores da corpa de *A Água, não dorme*: proposta alicerçada no movimento das águas - composta de textos, vídeos, instalações sonoras e intervenções presenciais - que integrou a 30ª edição do Programa de Exposições Mostra 2020 do Centro Cultural São Paulo (CCSP).

NO SILÊNCIO, HÁ ÁGUA.

Qual a relação entre a água e o silêncio? A água esta por todos os cantos. Circula sem parar pelas veias dos corpos, pelas tubulações da rua, das casas, dos prédios. Corre encantada líquida na forma de saliva, suor, umidade, infiltração... O olho a acha invisível, quando na verdade, a aparente invisibilidade é só um quarto estado da água: o estado de silêncio.

Há Rios, riachos, mares ao nosso redor. Aguaceiros cheios de meandros e afluentes escorrem por tudo. A correnteza é potente, mas por estar em estado de silêncio não é barulho fácil de ouvir. É preciso ensinar o ouvido ouvir o estado de silêncio, caso contrário, se passa a vida toda sem perceber nenhum ruído. Mesmo quando se está ao lado, ou dentro, quase afogado numa tromba d'água.

Charlene Bicalho talvez seja uma artista do ouvido. Seu trabalho uma tentativa de se fazer escutadora do silêncio das águas. Desde 2017, pelo menos, entre vídeos experimentais, performances, fragmentos de escrita, instalações e investig(ções) constrói formas de escuta amplificadas dos movimentos de fluxo e refluxo nos quais, na vazante, emergem questionamentos sobre

relações de poder, formas de ocupação do espaço urbano, dispositivos de (re)criações das violências coloniais no tempo presente, racismo institucional, sucateamento de equipamentos públicos e, na cheia, se escuta a ancestralidade das águas que carregam em suas corpas saberes contra coloniais de uma tradição radical feminista preta disposta a encharcar a terra de pulsões de vida e cura.

ONDE VOCÊ ANCORA OS SEUS SILÊNCIOS?

Onde você ancora seus silêncios? Pergunta no título de um curta produzido em 2017. Sozinha, dentro de uma batera furada, a artista amarra cordas em nove âncoras e as atira nas águas salgadas do porto de Vitória, Espírito Santo, nas proximidades da ruína do porto de Sal. “à medida que amarro as cordas das âncoras na embarcação e as coloco na água, me ancore.” – escreve num texto de apresentação do trabalho. Uma tentativa de ancoramento que é também uma tentativa de andar sobre as águas e com as águas; traçando derivas e rotas que permitam caminhar sobre os silêncios que nelas residem.

189º Ato

antes de pisar no palco retangular sinto cheiro de água florida e ouço o que me parece uma sinfonia de chaves. me equilíbrio a passos lentos nas tábuas corridas do proscênio, parte dos fundos do palco. o portão se fecha, nas minhas costas. lçar velas! ouço alguém dizer do alto da tramóia do urdimento. já no centro do palco, olho pra trás e vejo turvamente o ciclorama branco descer. diferente do normal, as luzes das galerias e do lustre estão apagadas. sinto água, água empoçada sob os pés. a água, não dorme. sigo uma luz escura até chegar as escadas. entre tropeços chego a plateia. 136 poltronas estão vazias, nas demais estão sentadas, cada uma em uma fileira, formando uma grande roda. Paulinha na C7, Marilda na D3, Geovana na J8, Fernanda na 21, Lelete na B4. me junto a elas e me sento na poltrona vazia F18 fechando a roda. trabalhamos juntas, elas fichadas em uma prestadora de serviço responsável pela limpeza do teatro e eu cargo comissionado na administração. onde nossos nossos movimentos confluem? ficamos em profundo silêncio, não sei por quantos minutos. nos acolhemos na umidade dos olhos, umas das outras. a cortina de veludo amarelo ouro se abre. todas dobramos os olhos na mesma direção. Pra minha surpresa, me vejo passar pela lateral da platéia e subir ao palco com um vestido cor de rosa, estampado com algumas folhas de coqueiro verde. alguém me entrega o microfone. não escuto o que falo, mas da plateia sinto meus pés vibrarem na frequência das águas que emergem d o fosso.

189º ato descreve suas impressões, sensações e reflexões anteriores a um fato vivenciado em 2018: a subida no palco do teatro Carlos Gomes para fazer

uma breve e protocolar fala de apresentação do curta *Onde você ancora seus silêncios?* dentro da programação da 3ª Mostra Cinema e Negritude da 25ª Mostra de Cinema de Vitória. Essa fala acaba por se fazer uma intervenção presencial, através da qual, a artista discorre sobre o silêncio como condição de apagamento e suas tentativas de não deixar que este afogue sua existência onde quer que ela esteja.

Em outro trecho, **49º Ato**, a artista fala do ocorrido ao descer do palco, quando uma mulher que não havia lhe aberto a porta de entrada do teatro, lhe entrega uma sacola de feira:

“abro a sacola. nos aproximamos para ver de perto o que a outra de mim vê. Tiro um crachá escrito Charlene Bicalho, concorrente, ao invés de Charlene Bicalho, diretora do Teatro Carlos Gomes. a água não dorme. após segundos de insurgência nos olhos, volto o crachá para a sacola e a equilíbrio sobre a cabeça, enquanto subo as escada espiralada até desaparecer. nos entre olhamos como se não entendêssemos o recado do crachá e, em seguida, começamos a rir alto. inundamos com o hálito de nossas risadas a ruína. as galerias, rachaduras, camarotes, frestas, buracos e as águas que agora transbordam o teatro de uma forma nunca antes, sentida. naquele instante, nenhum maestro, sub-secretário, governador, secretário, ou qualquer outra pessoa nos emudeceria. Nossas risadas corporificadas ecoam nos copos d’água, os mesmos antes servidos por nossas mãos emudecidas sobre as mesas, camarins e gabinetes. agora espalhados pelo palco cada copo contém a água por nós colhida.

Qual o lugar da escrita na produção de uma artista visual? No caso de Charlene Bicalho ela ocupa um espaço entre o diário íntimo, o caderno de campo e o ensaio filosófico. Os conceitos essenciais de seu trabalho surgem diluídos ao longo de textos, muitas vezes descritos numa narrativa poética que registra eventos ocorridos em lugares por onde transitou e que, de alguma maneira, perpassaram seu corpo.

A numeração escolhida para nomear os atos marca uma opção por apresentar a narrativa fragmentada. Mas do que anotar e ordenar cronologicamente os acontecimentos, é captar os fragmentos dos silêncios implícitos em cada um destes instantes o que a palavra escrita pela artista registra. A água escorre pelas frases. Seus significados são muitos. A água transborda metaforicamente pelo corpo do teatro, mas também transborda fisicamente, pois o espaço possui graves problemas de manutenção, sendo as infiltrações um risco constante para a segurança do lugar. O crachá que marca a condição da artista

como artista da mostra, também silencia algo que lhe inunda o corpo. Charlene Bicalho, concorrente, ao invés de Charlene Bicalho, diretora do Teatro Carlos Gomes, é água infiltrando na frágil estrutura das políticas de representatividade, na qual a presença de uma mulher negra no cargo de direção não altera muito a estrutura de poder estabelecida. A mulher negra, na condição de diretora, ou as funcionárias terceirizada da limpeza, seguem imersas em silêncios que lhe querem afogar a existência.

1º Ato

Seriam os sonhos de alguns o pesadelo de outros? Sobre isso, não sei o que dizer. o sonho era o mesmo dos últimos três anos e sete meses. Mas, algo se move infinitamente na cena. estou em frente a porta principal do Teatro Carlos Gomes, meu local de trabalho. O espaço cultural símbolo da estrutura de poder da sociedade capixaba. o hoje, teatro fechado, um dia foi cinema e talvez amanhã, um potencial depósito de sacas de café. o ouro negro de um ciclo econômico iniciado em 1727 e (re)inventado por aqui, assim como os coronéis. Voltando ao teatro Carlos Gomes, seu suntuoso palco abriga anualmente os grandes festivais de cinema, teatro, ópera. Todos majoritariamente financiados, ano após ano, gestão após gestão, pela política de balcão d o governo colonial.

Quando Charlene sobe ao palco para apresentar seu filme, cumpre uma performance protocolar. Uma performance que deveria articular e renovar no presente enquadramentos convencionais: algumas palavras sobre o filme, agradecimentos gerais direcionados a equipe, aos realizadores do festival, ao poder público. Algumas palavras com tom mais crítico até caberiam, dado o tema da mostra. Mas nestas ocasiões, a própria crítica carrega certo ar protocolar. Contudo, no momento em questão o protocolo é quebrado quando a artista se coloca publicamente como parte não do festival, mas do teatro, e amarra sua condição ao lugar ocupado pelas funcionárias terceirizadas da limpeza com quem, todos os dias, convivia imersa em águas silenciosas. Nesta ação, registrada em vídeo e posteriormente descrita em alguns de seus atos, encontrasse a nascente de uma forma de crítica institucional de extrema sensibilidade e cuidado, como escreve Rosana Paulino em um texto curatorial sobre a artista, no qual, ao invés optar pelo discurso inflamado, ancora suas questões na poética, num movimento que olha a história para continuar seguindo em frente, mapeando o silenciamento de corpos, não só em relação ao passado, mas também em relação ao presente.

CRIADAS EMUDECIDAS?

7º ato

as chaves, que todas nós carregamos no pescoço, talvez não abram portas. mas equilibram as águas doces e salgadas de nossas corpas. e esse reservatório de água, esse sim, carrega quantidade de água suficiente para nossa sobrevivência durante séculos. subimos até o foyer, no segundo andar, vejo (a)temporalidades fundidas através do vitral. o Largo da Conceição, hoje a Praça Costa Pereira. assim como o Teatro Carlos Gomes, mais um dos frutos do “Plano de Melhoramentos e Embelezamento de Vitória” capital do Estado do Espírito Santo, também chamada orgulhosamente por alguns de capital da província. uma rajada de vento nordeste invade a copa das árvores. sou tomada pelo alagamento de palavras que emergem de dentro ao me ver caminhando, lá embaixo, ao redor do teatro. vestida de macacão preto. botas vermelhas. portando uma criada muda na cabeça aos olhos de quem não vê as gotas de chuva empilhadas sob a pele. dentro, um manancial de água, fonte de força vital. atravessada na cama, ouço um sopro vindo da água presentificada na parede de concreto do quarto onde dormiria. a mudez, se desfaz. a água, não dorme!

O ato anota fragmentos da intervenção *Criadas Emudecidas?* realizada em janeiro de 2020. Portando um móvel de cabeceira na cabeça (usualmente chamado no Brasil de criado Mudo), a corpa da artista funde temporalidades enquanto se move pelo centro da capital da província num dia de garoa, para realizar duas ações conectadas: Na primeira ação caminha ao redor do imóvel do Teatro Carlos Gomes em sentido horário, seguindo em direção a rua 7 de Setembro para desenvolver a segunda ação: ainda com o móvel sobre a cabeça, caminha de costas pela rua, com o Morro da Fonte Grande ao fundo.

O criado mudo, assim chamado no Brasil, segundo versão corrente, por ficar ao lado da cama para apoiar objetos que possam atender os desejos de seu dono durante noite. Um móvel que carrega e atualiza no nome memórias do período escravista. Substituto silencioso do escravo doméstico, da mucamba, da ama de leite, transformados, pelo poder da palavra, em parte da mobília herdada pelo herdeiros de sempre.

O imóvel do Teatro Carlos Gomes é lugar significativo para a cultura da capital da província; é lugar significativo para os herdeiros das políticas culturais da província, é lugar significativo para a história pessoal da própria artista. Na qualidade de mulher negra diretora do Teatro, foi parte do teatro? se sentiu parte do teatro? Em quais condições? No criado mudo é possível deixar um

copo d'água caso se sinta sede a noite. Um móvel-substantivo-corpo-silêncio que carrega sobre si um recipiente com água para velar as horas de sono do dono. O criado mudo pode até ocupar diferentes lugares dentro do quarto, mas não tem lugar fora do quarto. No organograma de cargos e funções dos móveis, o criado mudo não tem muita mobilidade de carreira; e lá sempre atua na condição de coadjuvante silencioso da cama.

A corpa móvel se move realizando dois movimentos: Movimento de andar ao redor, movimento de andar de costas. Andar ao redor de um ponto, no caso, o Teatro Carlos Gomes, é uma maneira de vê-lo ouvindo os silêncios de seu entorno. Neste movimento, se constrói uma percepção crítica das relações do imóvel e da instituição nela abrigada, com o entorno. Andar ao redor do teatro é, primeiro, não estar abrigada sobre seu teto, suas paredes, acomodada em seus cômodos e sentir no corpo as gotas da garoa que caia sobre a cidade naquele dia. Em cada uma das pontas da quadra na qual o teatro se assenta, realidades distintas fluem. Um homem passa de bicicleta. Pessoas caminham. Um tapume cobre o prédio da ocupação Chico Prego, primeira ocupação vertical do Espírito Santo que fica ao lado do teatro. No bar localizado na esquina atrás do teatro, se escuta a voz de um homem dizendo: -“vou botar um guarda-roupa na sua cabeça!” seguida de uma gargalhada. Há barracas de ambulantes montadas ao lado dos imóveis comerciais. Quase no final do trajeto, a música que vem de uma loja penetra no silêncio da ação para se fazer trilha sonora involuntária da caminhada.

Andar de costas, por sua vez, é outra maneira de ouvir. Se andar ao redor é situar o teatro nas múltiplas realidades sobrepostas do centro, andar de costas na rua 7 de Setembro com o Morro da Fonte Grande ao fundo, é situar o teatro e o centro na história silenciada de seus construtores. Andar de costas é uma tentativa de escutar o silêncio de todo trabalho humano das mãos pretas que atuaram no Plano de Melhoramentos e Embelezamento de Vitória no início do século XX.

Assim a Criada emudecida é corpa que se move carregando sobre a cabeça, a luz do dia, todos os copos d'água acumulados há séculos nas cabeceiras que não querem se afogar nos silêncios dos cômodos. Caminhando na rua, a criada emudecida escuta, como escreve Nadine Gordimer, a carne e o verbo

da cidade e, assim, encontra caminhos para não sucumbir a condição muda de mobília doméstica dos imóveis herdados pelos herdeiros das províncias.

A ÁGUA NÃO DORME, OU O SILÊNCIO COMO IMPACTO.

Em 2020, Charlene é uma das artistas selecionadas para a 30ª edição do Programa de Exposições Mostra 2020 do Centro Cultural São Paulo (CCSP). A proposta apresentada inclui um conjunto de intervenções presenciais intituladas *a água afia tudo o que vê pela frente* que consistem em ações presenciais que se materializaram na forma de performance no dia do lançamento do catálogo da exposição e uma série de encontros com os funcionários da empresa terceirizada de limpeza que presta serviço para o CCSP.

A primeira vez que vi Charlene Bicalho foi no lançamento do catálogo da 30ª Edição do Programa de Exposições Mostra 2020 do Centro Cultural São Paulo. Era um sábado quente de dezembro. A pandemia do Coronavírus persistia, mas muitas atividades já haviam sido retomadas, e, naquele final de ano, munido de máscara e álcool gel, além do risco da infecção, havia também no ar certa esperança na possibilidade de se reinventar dinâmicas de vida semelhante às vividas até o início do ano.

Ela realizava a performance nas rampas de acesso a biblioteca. Vestida com um macacão azul, cor do uniforme dos funcionários terceirizados da limpeza, manuseava um esfregão Mop, com o qual escreveu com água no chão as seguintes frases:

a água não dorme

nós somos artistas o CCSP é nossa tela

a sujeira é nossa tinta e o mop nosso pincel

a gente molha o chão como se molhasse terra seca no sertão.

Assisti a performance encostado a mureta do primeiro piso, atrás de mim, o espaço no qual seu trabalho “A água não Dorme” havia sido montado. Deste ângulo vi a ação do alto. O que me dava a vantagem de conseguia observar a performance e seu o impacto nas pessoas que circulavam pelas imediações.

Ou melhor: conseguia observar a ausência de impacto. Mesmo Charlene usando um cabelo Black com uma parte pintada de branco e ter ao seu lado uma fotografa que registrava a cena, pessoas subiam e desciam a rampa sem quase notá-la. Naquele momento, o que parecia prevalecer não era a percepção geral da ação específica de uma artista, mas a corriqueira e invisível ação de uma mulher negra esfregando o chão. É como se a experiência ali materializada no gesto da artista de mopear o chão da instituição, mobilizasse memórias e experiências passadas, que articulam e renovam no presente enquadramentos convencionais sobre o lugar de corpos negros historicamente silenciados.

Talvez ausência de impacto não seja o caso, impacto silencioso me parece termo mais adequado. Por hora, vale anotar a grande quantidade de artistas não brancos selecionados para compor a edição 2020 da mostra. Seguindo tendência cada vez maior em instituições de legitimação da arte, o espaço apresenta artistas preocupados em problematizar questões relacionadas a gênero, memória e identidades negras e indígenas no Brasil. Fato positivo e mais do que necessário, contudo, até que ponto esta tendência implica num desejo real de dar voz a outras narrativas – voz no sentido de não apenas poder falar, mas de poder fazer, poder mudar, poder Poder -, ou estamos diante apenas de uma armadilha de representatividade, na qual, a voz de artistas não brancos ecoa numa nova performance de legitimação silenciosa dos pálidos poderes estabelecidos?

O impacto silencioso faz retomar a ideia da artista escutadora. Pois dentro das ações inseridas no projeto do CCSP, os encontros com os funcionários da limpeza acabam por resultar numa proposta de crítica institucional que se materializa numa ação de inclusão simbólica dos terceirizados na ficha técnica do catálogo da exposição. Exemplar que será posteriormente incluído no espaço expositivo.

Carapicuíba, 26 de abril do ano da peste de 2021.

Alexandrealexandrino

